

Laudatio in honorem DD. Luciano

Pe. João Batista Libanio S.J.
Belo Horizonte, 3 de maio de 2006.

Proferir a *Laudatio* a D. Luciano por ocasião da conferição do título de *Doctor honoris causa* pela Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus de Belo Horizonte transportou-me à cena do Sinai. Moisés ouve de Javé a ordem peremptória: “Não te aproximes daqui! Tira as sandálias dos pés, pois o lugar onde estás é chão sagrado” (Ex 3,5). Senti-me transido da experiência religiosa, como a definiu R. Otto: *tremendum et fascinatum*. Na vida e na pessoa de D. Luciano, manifesta-se algo dessa ambivalência do Sagrado. Fascina pela simplicidade, pela proximidade, pela total entrega aos outros. Atemoriza pelos píncaros espirituais que galgou, por uma santidade irradiante, direta, sem contornos nem dobraduras. P. Julio Lancelotti, por ocasião do jubileu de prata de D. Luciano, resumiu-lhe bem esse traço místico: “Dom Luciano, imagem bonita de Deus”¹.

Soma-se a tal experiência certo sentimento canhestro de quem comparece à simplicidade de um convívio de pobres trajado com vestes principescas. Nada tão distante de D. Luciano do que os títulos, as honorarias de qualquer natureza que seja. Homem colado ao mundo dos pobres e do sofrimento humano não consegue vestir-se de glórias, mesmo que merecidas. Daí o paradoxo do título.

I. Paradoxo do título

Doctor honoris causa. Duas palavras que soam alheias a alguém que nunca se julgou doutor nem muito menos tocado pela honra. Título do mundo acadêmico que muitas vezes se cobre de vaidades e glórias. Pedro A. Ribeiro de Oliveira, em certa conferência, observava como um pedreiro não precisa de título. Sua competência mostra-se na parede que não cai, na casa que se ergue. Lembra a poesia de Vinicius de Moraes: O operário em construção.

Onde as provas nem sempre são perceptíveis, onde a aparência se impõe, criam-se os títulos: bacharel, mestre, doutor e agora entrou a nova febre de pós-doutorado. E a tal família pertencem os títulos honoríficos. D. Luciano já obteve o doutorado em Filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana, mas nunca se prevaleceu de tal grau. Não carece de títulos. Não cabe na solenidade, que ora celebramos, o clima de mundanidade e vaidade. Em uma homilia, D. Luciano confienciava-nos que diante do seu irmão João, morto aos 36 anos, varreram-se-lhe do coração as vaidades. O realismo dessa morte prematura deu-lhe a dimensão do valor da existência.

Aqui tudo são desejos de exprimir-lhe carinho, gratidão e alegria por parte dos membros desse Centro de Estudos. Certamente lhe soa aos ouvidos o canto do salmista: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade” (Sl 115,1).

Todo o arrazoado levou-me a sugerir, não na grafia do diploma, mas no significado, mudar-lhe o título. Cabe-lhe melhor o de *Magister amoris causa*. Mestre por causa do amor e do serviço.

¹ . *Estado de Minas*, 06/05/2001, p. 21.

Assim D. Luciano se sentirá mais próximo de Jesus que, na narração evangélica, inúmeras vezes, entrou em choque com os doutores da lei. Os discípulos não o chamaram de doutor, mas de Mestre, de Rabi.

A etimologia de mestre – *magis + tenere* – encerra dentro de si o termo “magis” – de forte ressonância para o inconsciente jesuíta. Articula-se com ele, não a idéia de poder, de glória, de aparência exterior, mas de “ex-ousia” – autoridade. Aquele que faz ou ajuda o outro a crescer. Assim é o mestre. O sentido de sua vida é o serviço. “Não vim para ser servido, mas para servir” (Mt 20,28). Jesus simbolizou tal serviço no lava-pés (Jo 13,4-11). Tão significativo foi tal gesto que João o pôs no lugar da instituição da Eucaristia.

A didática ensina-nos que se pode começar ou pelo ponto mais importante e ir lentamente descendo até o menos ou vice-versa. No caso de D. Luciano, subirei do magistério das idéias percorrendo por várias formas até o mais sublime de todos: o magistério dos pobres.

Ii. Mestre de reflexões lúcidas

Nos idos do curso de Filosofia, o estudante jesuíta Luciano defendeu publicamente diante dos professores, alunos e convidados de honra, inclusive o Cardeal Arcebispo do Rio, D. Jaime de Barros Câmara, proposições tiradas das famosas 100 teses do Exame “*de universa philosophia*”. No final, o cardeal disse que não sabia se louvava mais o brilhantismo intelectual do aluno ou a sua simplicidade modesta. Tornou-se evidente o seu extraordinário talento especulativo. Ali estava em potencial o futuro professor de filosofia.

E, de fato, veio a destinação. Teologia em Roma, doutorado na Universidade Gregoriana. Já na tese, o inconsciente da caridade traiu o principiante nas lides acadêmicas. Se não, vejamos. O título soa: “A imperfeição intelectual do Espírito Humano. Introdução à teoria tomista do conhecimento do outro” [São Paulo, Faculdade de Filosofia Na. Sra. Medianeira, 1977].

Pinçando alguns elementos da tese, já percebemos traços fundamentais não só do pensamento, mas da própria pessoa de D. Luciano. Por mais lógico e cuidadoso que tenha sido o trabalho, vasculhando as fontes tomistas com rigor metodológico, atravessa-a uma intuição existencial. Conjuga dois traços fundamentais do sentido profundo da imperfeição humana, da inacessibilidade total do objeto de conhecimento, especialmente do outro humano e o desejo de penetrar a teoria tomista do conhecimento do outro para estabelecer pontes com ele.

Está aí D. Luciano: alguém consciente da fraqueza, da miséria, do sofrimento, dos limites do ser humano e de nossa pequenez em socorrê-lo. No entanto, isso não lhe pára a busca insaciável de aproximar-se o máximo possível de quem está diante para servi-lo e ajudá-lo.

Estuda em Santo Tomás a interdependência entre os sentidos e o intelecto humano, a forma ínfima do espírito ínfimo. A inteligência humana depende dos sentidos, do objeto material, do fantasma. Tudo começa com a observação dos dados da experiência. O objeto próprio do intelecto humano é o inteligível apreendido na apresentação sensível. Tem-se do singular material, de todo outro, um conhecimento indireto. Esta é a situação do espírito ínfimo.

Da teoria tomista do conhecimento – *nihil in intellectu, nisi prius in sensibus* – evolui para “completar a teoria do conhecimento do outro pela tematização de uma teoria de comunicação por sinais sensíveis”². Descreve o ciclo de intelecção da invenção à emergência e da emergência refaz o percurso anterior na linha explicativa. Assim tematiza o duplo (tríplo) movimento metodológico do conhecimento de Santo Tomás.

O processo de invenção e de descoberta parte do fato, dos dados de experiência externa e interna ou mesmo de verdade de fé e ascende através das implicações até o estabelecimento das condições de possibilidade, as virtualidades exigidas por este fato, como condição de sua realização.

Num segundo ato, se faz o processo da inteligência propriamente dito em direção oposta ao anterior que supõe terminado. Nasce com a emergência de um centro explicativo que coroa o processo precedente. Sob a luz deste centro explicativo, em dependência do qual todos os elementos se ordenam inteligentemente, a mente refaz o caminho percorrido integrando implicações e fatos em uma só síntese intelectual³. Entende-se unificando, ao buscar um centro explicativo, de inteligibilidade. A partir desse centro, refaz o percurso anterior até os dados de onde se originara o processo.

A reflexão parece abstrata e especulativa. Sem embargo, reflete também o percurso existencial de D. Luciano. Levou-o a evitar dois extremos de deter o conhecimento do outro humano no mero objeto sensível, de observação externa e de levantar a ilusão de um conhecimento imediato do outro, de uma intercomunicação intuitiva entre o tu e o eu.

“O homem não é, com efeito, para seu semelhante um mero objeto de observação externa. Os espíritos encarnados comunicam-se entre si abrindo livremente uns aos outros a riqueza do próprio interior”⁴. “A solução, pois, de um conhecimento do singular por continuação da penetração intelectual através do fantasma, deve receber, no caso do conhecimento dos outros homens, um complemento fornecido pela teoria de comunicação dos espíritos ínfimos por meio de sinais. Aqui ainda é necessária a cooperação dos sentidos já que estes sinais serão corpóreos”⁵.

Portanto, D. Luciano não alimentou a ilusão de um conhecimento penetrante e transparente do outro, nem também o viu como um objeto inacessível e fechado. Conjugará ao longo de sua vida um respeito pelo mistério do outro junto com a proximidade comunicativa. Lá na tese se assentavam esses princípios teóricos. E como horizonte último filosófico, como ele mesmo escreveu por ocasião do 70^o aniversário, ficou-lhe a diafania do pensamento grego, afirmando que “do nada, nada vem”. “Então, a origem e a explicação deste mundo é o ser. Bom, amável, fonte de toda a vida, o ser perfeito sempre é”⁶.

Além da tese, D. Luciano deixou-nos muitos traços de seu pensar nos ensinamentos, em longas entrevistas, nas pregações, nos artigos breves e incisivos na Folha de São Paulo e em outros meios de comunicação⁷. Pinçarei aleatoriamente alguns pontos.

² . L. P. Mendes de Almeida, *A imperfeição intelectual do Espírito Humano*. Introdução à teoria tomista do conhecimento do outro, São Paulo, Faculdade de Filosofia Na. Sa. Medianeira, 1977, p.14.

³ . L. P. Mendes de Almeida, *op. cit.*, p. 8s.

⁴ . L. P. Mendes de Almeida, *op. cit.*, p. 14.

⁵ . L. P. Mendes de Almeida, *op. cit.*, p. 118.

⁶ . L. Mendes de Almeida, Lições da vida, in *Folha de São Paulo*, 7/10/200, p. A 2.

⁷ . L. Mendes de Almeida, *A serviço da vida e da esperança*: mensagens às famílias cristãs, São Paulo: Paulinas, 1997.

Perguntado pela distinção entre assistencialismo e promoção, responde lucidamente. Diante de uma sociedade injusta, cabe-nos a todos a tarefa da mudança estrutural com a mais ampla participação do povo. No entanto, em face de pessoas que são incapazes, de modo permanente ou transitório, de ser sujeito da própria promoção – crianças, deficientes, anciãos, etc. – a ajuda assistencialista assume a dimensão da caridade cristã incontornável⁸.

Em momento de maior penetração teológica, apresenta a Trindade como fundamento da unidade e pluralidade na Igreja, na experiência comunitária e social. A experiência da presença da Trindade capacita-nos para reunir-nos. A Igreja é imagem da Trindade enquanto comunhão entre diversas pessoas. Nela se espelham a Igreja ao lidar com as diferenças e o respeito mútuo entre as pessoas⁹.

Houve momentos no pós-vaticano II que a tomada de consciência das igrejas autóctones viu com desconfiança a presença de tantos missionários estrangeiros no Brasil. D. Luciano prefere falar da pluri-nacionalidade dos missionários e dos bispos em espírito de gratidão, considerando-a uma graça. Em semelhante linha de reflexão avança, ao interpretar a inculturação como “um ato de amor”¹⁰. Ela implica falar a linguagem do outro para que ele nos entenda e, para isso, aprendamo-la. Partilhar a vida, identificar-se primeiro para transmitir a Palavra é um ato de amor.

A tônica do amor domina-lhe o pensamento. Usa a bela expressão de amar com o amor de Deus¹¹. Debruça-se com a mesma facilidade diante da fragilidade humana, do pecador quanto capta os mínimos sinais da graça, do amor de Deus presentes em todas as situações¹². Para ele o diálogo consiste em compreender e amar o outro. O seu olhar vive seduzido pela realidade da graça salvadora de Deus. Tempo e história se estendem como espaço de conversão. Sofre diante da incapacidade de certas pessoas de perdoar, vendo nisso a pior pobreza, que as impede de sentir a alegria do perdão¹³.

Se nos é permitido comparar dois santos profetas – D. Hélder e D. Luciano –, o primeiro foi um cidadão do mundo, de arcos gigantescos de sonhos e utopias, enquanto o segundo é o bispo da rua, do presente, do pequeno. Ambos notáveis na diferença.

iii. Mestre Espiritual

Caracteriza as pessoas grandes a capacidade de orientar, no pequeno da vida, corações nos meandros do caminho espiritual. Antes de ser bispo, D. Luciano exerceu na Ordem jesuíta o papel de Instrutor de Terceira Provação. Cargo sem pompa, mas de relevância espiritual. Cabia-lhe dar a última demão na formação do sacerdote jesuíta, antes de este incorporar-se definitivamente à Ordem. Além de orientar os Exercícios Espirituais completos dos terceirões durante um mês, acompanhava-os no momento importante da releitura espiritual de toda a vida passada em vista do compromisso definitivo na Ordem.

Ao longo de toda a vida, D. Luciano tem orientado, pelo país a fora, infinitas pessoas nas caminhadas espirituais mais diversificadas, desde aquelas de escol até

⁸ . E. Olivero, *Unidos em favor da Paz*. Diálogos com D. Luciano Mendes de Almeida, São Paulo, Loyola, 1991, p. 55.

⁹ . E. Olivero, *op. cit.*, pp. 58s.

¹⁰ . E. Olivero, *op. cit.*, p. 61.

¹¹ . E. Olivero, *op. cit.*, p. 62s.

¹² . E. Olivero, *op. cit.*, pp. 91, 86.

¹³ . E. Olivero, *op. cit.*, pp. 88s.

principiantes rudes das coisas de Deus. Quem o vê interromper, inúmeras vezes, o caminho do aeroporto ou da rodoviária até o destino desejado para deixar uma palavra de conforto, de consolo e de orientação, tem alguma idéia do mapa humano desse peregrino da palavra espiritual.

Como testemunho escrito do talento de orientador espiritual está o livro-guia para os Exercícios Espirituais¹⁴. Nele oferece sábias indicações para quem orienta ou faz a experiência do retiro inaciano. É caminho seguro para aprender com Jesus a alegria de servir por amor. Em contraste com um mundo de ódio, injustiças, violências, que conspiram contra a alegria de viver como filhos/as do Pai misericordioso, ele oferece a via da confiança no Pai e da fraternidade sem distinções e discriminações. Tal caminho implica conversão, vencendo o pecado e as más inclinações. Desenvolve a docilidade ao Espírito Santo que faz o fiel seguir a Cristo e a Ele se configurar. O toque mariano, que atravessa a vida do D. Luciano, se faz presente na figura de Maria, Mãe e discípula perfeita de Jesus. Ela ajuda o exercitante a discernir o Projeto de Deus em sua vida na escuta da Palavra, na oração pessoal e na vivência comunitária.

Esse mestre da vida espiritual confessa que encontrou em sua mãe “a primeira descoberta teológica”. “Minha mãe, pelo olhar e pelo exemplo, me transmitiu, bem como a meu pai e a meus irmãos, a fé em Deus e a certeza de que Ele nos ama. Desde cedo, aprendi a rezar o ‘Pai Nosso’ e a ‘Ave Maria’ e a conhecer a infinita misericórdia de Deus, que nos enviou seu filho, Jesus Cristo, para nos salvar do pecado, ensinar-nos a amar e a fazer o bem”.

E acrescenta a belíssima confiança: “No mais profundo da consciência, nunca senti o vazio nem a escuridão. Deus sempre estava presente, confiante de todas as horas, sustentando a esperança e dando a paz”¹⁵.

IV. Mestre Intelectual

A vida reservou a D. Luciano poucos anos para as lides estritamente intelectuais. Apesar disso, manifestou-se exímio orientador com excelente didática. Pessoalmente guardo uma gratidão. Ao entrar no noviciado, encontrei, não sem influência do então ir. Mendes de Almeida, ambiente marcadamente interessado por leituras espirituais mais exigentes. Apenas com 16 anos, tinha rudimentos da língua francesa em cuja língua a maioria dos melhores livros estava escrita. Além do mais, no noviciado de então, era proibido estudar língua estrangeira. Nem tínhamos dicionários acessíveis. E que fiz? Recorri ao dicionário vivo que era o meu irmão de noviciado. Sem dizer-lhe palavra, na guarda austera do silêncio quase monacal, deixava-lhe sobre a mesa a lista de palavras desconhecidas e na volta lá estava a tradução, pois ele conhecia perfeitamente o francês.

Nos anos de filosofia, gastava horas explicando a árida neoescolástica a inteligências resistentes a tais acrobacias especulativas. Mais tarde receberá oficialmente o encargo de Repetidor de Filosofia no Colégio Pio Brasileiro de Roma. Serviço estritamente didático. E sua capacidade de explicar as teses mais complicadas com bonequinhos e desenhos *à la gibi* facilitava a intelecção.

¹⁴ . *Servir por amor*. Trinta dias de exercícios espirituais, São Paulo, Loyola, 2001.

¹⁵ . L. Mendes de Almeida, Lições da vida, in *Folha de São Paulo*, 7/10/200, p. A 2.

Quem o ouve até hoje fica encantado com o jogo difícil, embora aparentemente conatural, de expor idéias complexas e exigentes de maneira direta e simples. Mestre realmente da inteligência.

V. Mestre da instituição da Igreja

Capítulo longo e relevante da vida de D. Luciano. No entanto, por razão de tempo, não lhe dedicarei o tempo merecido. A simples enumeração das tarefas eclesiais que exerceu fala *de per si*. Secretário e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos em momento histórico político e eclesial difícil. O regime militar impunha-se pela via do arbítrio. Cidadãos comuns e pessoas de Igreja – bispos, sacerdotes, religiosos, fiéis – perseguidos injusta e arbitrariamente encontravam, em D. Luciano, o homem corajoso que cobrava do Estado o respeito pelos direitos humanos fundamentais. Frequentou os palácios, os ministérios, as secretarias, não como cortesão, e as delegacias, as prisões, não com as imunidades do direito, mas como *persona non grata*, porque significava a consciência ética e crítica a um regime truculento e insensível a tais apelos. Se os corredores dessas instâncias falassem, quantos mistérios de iniquidade e também de beleza ouviríamos.

Com esses mesmos cargos, conheceu os corredores das instituições eclesiásticas romanas. Nem sempre acolhedoras, porque não conseguiam entender a evangelicidade de bispo tão despojado, tão sem pompas, tão desprovido dos manejos curiais. Não usava a linguagem da bajulação, dos rodeios burocráticos, mas da humildade simples, da verdade direta. Sobre esse campo, pesa enorme silêncio do homem de fé, de caridade, de respeito às autoridades eclesiásticas. De seus lábios, nunca sairão as narrações das horas sofridas, das humilhações, das postergações, dos silêncios hostis. Diante das incompreensões por parte de Roma, preferiu o silêncio, a oração, o respeito obediente, o perdão. Nunca a crítica, a denúncia pública. Profeta a seu modo, no escondimento.

Além da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, D. Luciano foi ativo nas Assembléias Gerais do Episcopado Latino-Americano em Puebla e em Santo Domingo. Aí deixou marca indelével. Em Puebla, era o anjo noturno, que na calada da noite trabalhava para que os textos se aproximassem mais das opções evangélicas que trazia no coração e que exprimia o desejo do episcopado brasileiro. Mais uma vez: se as letras do Documento de Puebla tivessem nome, Luciano apareceria em passagens significativas.

E Santo Domingo? Basta recordar a luminosa oração que foi acolhida pelo episcopado como reflexo de seu pensar. Ela fecha belamente o documento. Com olhar arguto percebera que a ideologia dominante na Conferência era a de construir na América Latina uma única cultura cristã com as terríveis conseqüências de dominação sobre as culturas de povos e segmentos oprimidos. Soava-lhe o velho disco da neocristandade que já não respondia ao espírito evangélico. Então, com sutileza, substituiu-a pela concepção do “Evangelho encarnado” nas culturas dos povos indígenas e afro-americanas. Habilidade hermenêutica!

Pertenceu durante anos à Comissão Permanente dos Sínodos e participou de todos eles desde quando foi eleito bispo até o último. E neles deixou sua marca. Quem não se lembra daquela ida ao Sínodo ainda em cadeira de rodas depois do acidente que quase lhe custou a vida?

Mostra-se lúcido diante das tarefas que o momento atual pede da Igreja do Continente. Em dado momento, definiu-as. Começa com a inculturação na cultura urbana

das grandes cidades, nas culturas indígenas e afro-ameríndias. Prossegue destacando a relevância do catolicismo popular, cujas devoções revelam fé mais forte que pareceria à primeira vista, sem desconhecer o catolicismo dos ambientes secularizados que procuram novas expressões de fé.

Constata a busca de sentido de vida num mundo que decepciona jovens e que se apresenta sem saída por causa das injustiças e violências. Muitos são levados ao consumo de drogas, ao alcoolismo, ao terrorismo, ao suicídio. Como transmitir a eles a transcendência da mensagem de Cristo e da Igreja?

A teologia da salvação põe em jogo a mediação necessária da Igreja e a ação da misericórdia de Deus por caminhos originais do Espírito. Cabe identificar a ação missionária que respeite a ação de Deus em milhões de não crentes e viver o anúncio explícito do Evangelho.

Finalmente, importa desde nosso continente de maioria católica colaborarmos para uma teologia e uma prática do amor cristão, construindo a civilização do amor, evidenciando a confiança na presença e ação de Deus, de um lado, e, de outro, empenharmo-nos em construir uma sociedade fraterna, marcada pelos valores cristãos da gratuidade, bondade do coração, universalidade, predileção pelos excluídos, perdão, esperança na vida eterna, solidariedade pelos caminhos de justiça e paz. Termina com a provocante pergunta: “Como a caridade que infunde em nossos corações será capaz de nos converter e transformar a sociedade de acordo com sua vontade?”¹⁶

VI. Mestre de vida, especialmente dos pobres

A vida humana, no pequeno cotidiano das pessoas simples e necessitadas, ocupa-lhe praticamente todo o tempo. Aí mostra, de modo sublime e extraordinário, a maestria. O título de “Mestre” atinge o ponto alto. D. Luciano é imbatível nessa docência de vida.

Ele se define como alguém marcado pelo traço da felicidade e alegria interior. Na celebração do jubileu de prata, disse em voz firme ao povo: “Não sei se vocês já viram um homem feliz. Eu sou”¹⁷. Mas se colocamos num dos braços da balança a alegria, a festa, a felicidade, o gozo e no outro o sofrimento das pessoas, a cruz do Senhor, a miséria humana, a compaixão com a dor alheia, na vida de D. Luciano esse segundo braço pesaria muito mais. Não é porque não valorize a bondade e a gratuidade de Deus em oferecer-nos alegria e prazer, mas porque sente certo pudor de mostrar um rosto de Páscoa quando a maioria das pessoas vive em permanente sexta-feira santa.

Se não bastasse o longo tirocínio, anos a fio, de contacto e compaixão com o sofrimento alheio, o Senhor o matriculou num curso simultaneamente intensivo e extensivo de dor e sofrimento. Foi o acidente de fevereiro de 1990. Fisicamente resume-se no afundamento de crânio, em dois fêmures quebrados, na fratura da mandíbula e do antebraço, na ruptura da aorta, na dezena de operações que se seguiram.

Naqueles dias últimos de fevereiro e início de março, viveu-se mistura misteriosa de escuridão de morte e de luminosidade de ressurreição. O centro da experiência foi a UTI do

¹⁶ . D. Luciano Mendes de Almeida, *O pensamento episcopal latino-americano do Rio a Santo Domingo*, in CELAM, *O futuro da reflexão teológica na América Latina*, São Paulo, Loyola, 1998, pp. 25s.

¹⁷ . *Estado de Minas*, 06/05/2001, p. 21.

Hospital Felício Rocho. Para lá convergiam as dores e as esperanças, as orações e as mensagens vindas dos diversos cantos do Brasil e do estrangeiro. As humildes Patrocínias e as autoridades maiores da Igreja e do Estado se perturbavam e perguntavam pelo seu estado de saúde. Multiplicaram-se as visitas, as flores, as ofertas de órgão para transplante, os plantões na porta do hospital, as cartas inumeráveis, as orações, as vigílias dos vicentinos.

Como um homem tão humilde, tão simples, tão próximo do povo conseguiu mexer com camadas as mais díspares da sociedade, estamentos da Igreja e da sociedade! É o túnel da dor e da morte que ameaçava tragá-lo. Era o grito de esperança que rompia o silêncio da luta dos médicos e enfermeiros para suturar-lhe, em fração de minutos, uma aorta que se rompera, para evitar uma infecção que podia eclodir a qualquer momento, para soldar uma fratura que podia deformar a vítima para sempre.

A delicadeza de amigos guardou a série de bilhetes que a vítima desde a UTI, quase imobilizada, escreveu em enormes garranchos¹⁸. Em termos psicanalíticos lemos a grafia do inconsciente. O mais profundo de sua interioridade se revelou, já que os controles do superego se afrouxaram. E com que maravilha nos defrontamos!

Antes das letras, falaram alguns gestos. O polegar levantado estabeleceu uma primeiríssima ponte com o mundo externo, apontando para a esperança. Tudo não está fadado à morte. Há um dedo que se levanta indicando a vida ou que desenha na mão do irmão em sinal de dor e preocupação o nome do P. Ângelo, o secretário que morrera no acidente. Tocando a aliança dos irmãos perguntava pelos cunhados e sobrinhos.

Os bilhetes traduzem sentimentos e atitudes básicas. Uns são bem humanos, corriqueiros, que revelam os desejos primários do ser humano: deseja comida bem leve, suco de lima, de laranja-lima, de mamão, bebe com gosto água mineral sem gás e sem gelo e acrescenta com sabor poético: “A gente vai tomando até a última gotinha”. E numa das manhãs, refere-se à primeira noite que dormiu um pouco mais. “A noite, simbolizada pela lua, é longa”.

Um segundo movimento, mais profundo, revela a dupla dimensão de sua espiritualidade: a bondade de Deus e a preocupação com os outros. “Deus é bom”, escreve no dia 1º de março. A tônica fundamental são os outros. “Quem falou com a família do Pe. Ângelo que ele morreu?” “Se há outros graves, pensem nos outros”. Sua vida é expressada como dom. “Ofereço com amor minha vida por vocês”; “É bom sofrer para os outros”; “É bonita a vida de quem ajuda os outros a viver de novo”.

Mostra enorme gratidão pelos que cuidam, rezam, pensam nele, julgando que não merece tal atenção. “Agradeço de coração tanto apoio e solidariedade: minha vida não vale tanto”; “Gostaria de poder agradecer a Deus e a todos trabalhando + pelos doentes e pobres”; “Enquanto Deus me der vida: médicos e enfermeiros têm sido incansáveis”; “Quanta bondade D. Serafim, D. Eugênio em virem me visitar: Deus lhes pague: peço absolvição e bênção: estou pedindo a Deus”. Quando recebe tanta atenção pensa “onde muitos dormem debaixo da ponte”.

Nem faltou o toque mariano e a lembrança de um dos antigos bispos de Mariana: “Maria na glorificação do santo pastor de Mariana: D. Viçoso – vamos pedir juntos”.

¹⁸ . *Bilhetes de Dom Luciano*, São Paulo, Loyola, 1990.

Concluindo o tirocínio do acidente, o belo testemunho do amigo italiano Ernesto Olivero. Vindo da Itália, visita-o no dia 14 de março. Assim escreve o que conversou com D. Luciano. “Rezei por você naquele ensejo em que dormia; a sua fisionomia era sofrida, mas a angústia não prevalecia. Ao fim de poucos minutos, um assomo de luz o iluminou, você abriu os olhos, viu-me e o seu rosto iluminou-se: ‘Ernesto...Ernesto...’. Nunca ouvi o meu nome ser pronunciado com tanto amor, com tanta amizade. – Que está fazendo aqui? E eu, com o coração confrangido pela emoção, calado. – Pe. Ângelo está no céu...uma alma tão bela. Até naquele transe, D. Luciano, você não se desmentiu. Logo pensou no outro”¹⁹.

Em testemunho simples, depois de conviver com D. Luciano no Palácio Cristo Rei o tempo da convalescença, D. Serafim disse: “Em D. Luciano, a caridade flui”.

Aprofundemos um pouco o lado mais luminoso do magistério de D. Luciano, sua paixão pelos pobres. A Faculdade fez questão de inserir essa característica máxima de D. Luciano no texto solene da outorga do Doutorado: a “*insignis charitatis erga pusillos et pauperes*” – de extraordinária caridade para com os pequenos e os pobres –.

Tudo começou quando ele era estudante de teologia em Roma. Ele mesmo confessa que a aula inaugural foi na prisão de jovens e adolescentes do Istituto Gabelli, via di Porta Portese, Roma, em 1955. Como aluno de teologia, acompanhou colegas italianos na atividade pastoral de final de semana. Era uma casa de correção de menores infratores. 200 cumpriam pena num edifício velho, grande. Aí teve uma presença contínua, assídua. Em plena belíssima Roma, rapazes e moças viviam em horrorosas situações anti-sociais.

Brotou-lhe a pergunta existencial que o converteu definitivamente para os pobres: “Como posso ficar estudando, me diplomando, gozando de todas as oportunidades de uma formação quase privilegiada, e ao mesmo tempo saber que esses quase 200 jovens estão trancados entre muros altíssimos, sem ver a luz do sol, com guardas que, freqüentemente, espancam aqueles que, em seus confrontos, assumem atitudes agressivas e violentas; sobretudo quando sei que um deles foi morto na via di Porta Portese, porque se comportava de maneira muito agressiva e se impunha demais aos companheiros?”²⁰

Daí para frente, o anedotário da caridade de D. Luciano não tem fim. São infinitos exemplos: dar o dinheirinho para a menina de rua ir ao cinema, brincar de rolar pneu com meninos de rua, preparar sopões para os pobres nas altas madrugadas frias de São Paulo, cobrir com cobertor os mendigos da praça de Mariana como uma mãe o faz com os filhos pequenos, apartar briga numa volta à casa durante o Sínodo em Roma etc. etc. Quando morava no Rio, na rua Bambina, um colega nosso, com certa ironia maldosa e caridosa simultaneamente, dizia que ele tinha transformado nossa residência numa sucursal de Belfort Roxo.

A sua preocupação com os pobres os transformou no seu mestre. Ele se fez discípulos dos pobres. Com toda clareza afirmou: a maior densidade de valores está no coração dos pobres²¹. Num momento de dor e compaixão, disse que se deveria “abrir as portas das casas e Igrejas para abrigar à noite os pobres”²².

¹⁹ . E. Olivero, *Unidos em favor da Paz*. Diálogos com D. Luciano Mendes de Almeida, São Paulo, Loyola, 1991, pp. 8s.

²⁰ . E. Olivero, *op. cit.*, p. 21.

²¹ . E. Olivero, *op. cit.*, p. 92.

²² . E. Olivero, *op. cit.*, pp. 68, 51.

Aqui ficamos com essas pitadinhas. Oxalá um dia, um biógrafo cuidadoso, conseguisse aumentar o repertório das infinitas caridades de D. Luciano.

Conclusão

No início do trabalho estava Santo Tomás. Terminei recordando uma frase que Santo Tomás cita de Boécio na *Suma Teológica*, ao definir a eternidade. Peço licença para resumir com ela toda a vida de D. Luciano. “*Interminabilis vitae tota simul et perfecta possessio*”²³. A vida de D. Luciano foi uma “perfeita posse”. Toda e ao mesmo tempo. De que? De uma vida interminável de amor, de caridade, de dom de si. Se a eternidade é isso, ele já é eternidade. Confirma com a vida, o que o teólogo J. Ratzinger em tempos idos escrevia: “Todo amor quer eternidade – o amor de Deus não só a deseja, como a realiza e é”²⁴. E recentemente, na qualidade de Papa, escreve na Encíclica *Deus caritas est*: “O amor promete infinito, eternidade – uma realidade maior e totalmente diferente do dia-a-dia da nossa existência”, “o amor visa a eternidade”. Assim vive D. Luciano à luz do agape-eternidade no seguimento de Jesus a serviço dos irmãos, fazendo tudo, como reza o seu emblema episcopal, *In nomine Jesu*.

²³ . *S. Th.* I q. 10, a. 1.

²⁴ . J. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*. Preleções sobre o Símbolo Apostólico, São Paulo, Herder, 1970, p. 302.